

NOÇÕES DE ANTROPOLOGIA E COSMOLOGIA ENTRE OS FISIÓLOGOS E OS PITAGÓRICOS NA GRÉCIA ANTIGA

João Batista Freire*

Resumo: A partir da distinção aristotélica que põe de um lado os Pitagóricos e de outro os Fisiólogos, abriram-se precedentes para pensar em duas correntes da filosofia em seu florescer: a jônica e a itálica. Não obstante os primeiros sábios da Jônia e os da escola do Sul da Itália estejam inscritos na filosofia pré-socrática, ambiente do advento da filosofia, ambas as escolas possuíam características díspares sobre a noção de antropologia e cosmologia em seus sistemas de investigação. Este estudo se detém na análise do significado da noção de homem e Kósmos para os antigos sábios da Grécia do século VI a.C. Trata-se, portanto, de investigar como o homem compreende a si mesmo e se identifica em relação ao Kósmos nessa primeira fase jônica da filosofia em suas origens, e na segunda fase, a itálica. Desse modo, esta pesquisa pretende demonstrar a estreita relação que há entre o homem e o Kósmos no pensamento grego antigo.

Palavras-chave: Antropologia, Cosmologia, Fisiólogos, Grécia, Pitagóricos.

Abstract: From the Aristotelian distinction that puts the Pythagoreans on one side and the Physiologi on the other, precedents to thinking in two philosophical streams were opened: the jonic and italic streams. Although the early thinkers of Ionia and the ones from the southern Italy school are included in the pre-Socratic philosophy, background of the philosophy advent, both schools had different characteristics on the notion of anthropology and cosmology in their research systems. This paper focuses on the analysis of the meaning of the notion of men and Kósmos to the ancient thinkers of Greece on the sixth century BC. Therefore, it is about investigating how man understands himself and identifies himself towards Kósmos on this first Ionian phase of the philosophy in its origins, and on the second phase, the italic phase. Thus, this research aims to demonstrate the close relation that exists between men and Kósmos in the ancient Greek thought.

Keywords: Anthropology, Cosmology, Physiologi, Greece, Pythagoreans.

Introdução

A composição do tema desta pesquisa foi elaborada sobre a órbita da máxima de Aristóteles (384 a.C. a 322 a.C.) na *Metafísica*. De acordo com o estagirita, “Os chamados *Pitagóricos* tratam de princípios e elementos mais remotos que os dos *Fisiólogos* [...]” (ARISTÓTELES, *Metafísica*, 989b 29 DK, grifo nosso). Não obstante a temática desta pesquisa estar inscrita no tratado de Aristóteles, não será, portanto, sobre seu pensamento que repousarão as investigações

* Mestrando em filosofia na Universidade Federal de Uberlândia – UFU (área Filosofia Antiga).

empreendidas que irão compor as próximas páginas. Embora a filosofia aristotélica seja uma fecunda fonte para uma abordagem antropológica e cosmológica, e isso é notado na abertura da *Metafísica*¹, todavia, o presente artigo se deterá sobre as duas distinções aplicadas por Aristóteles no que tange aos dois blocos distintos da filosofia pré-socrática.

A citação aristotélica sobre os chamados Pitagóricos e os Fisiólogos² está, pois, como um marco referencial que testemunha a presença dessas duas escolas na Grécia do século VI a.C. Nesse sentido, a alusão feita por Aristóteles sugerindo duas escolas, uma na Jônia e a outra no Sul da Itália, dá margens para pergunta: a antropologia e cosmologia dessas duas escolas eram solidárias? Por que os jônios abandonaram o elemento religioso e, os Pitagóricos³, ao contrário, fizeram uma junção entre filosofia e religião?

Com efeito, este trabalho pretende explorar de forma modesta, qual era a noção de antropologia e cosmologia entre os Fisiólogos e os Pitagóricos, não obstante a investigação cosmológica repousar como primazia na Grécia do final do século VI a.C. Por um lado, na Jônia, enquanto a investigação sobre um elemento primeiro⁴ prefigurava o núcleo da cosmologia pré-socrática, por outro lado, na Itália do Sul com os Pitagóricos, o teor da filosofia parecia remontar a uma ampla tradição religiosa grega que precedeu os primeiros Fisiólogos.

Os próximos argumentos e conjecturas sobre noções de antropologia e cosmologia entre os primeiros sábios da Jônia e da Itália do Sul, não regará o solo de uma hermenêutica interpretativa, pois os tratados que versam sobre o tema, até agora têm sido suficientes nos esclarecimentos hermenêuticos e exegéticos. Outrossim, certamente o especialista na problemática abordada desaprovará algumas afirmativas e a omissão de outras. Porém, o objetivo das hipóteses desta pesquisa não é fechar a discussão, mas, abri-la. Todavia, sem a pretensão de esgotar o tema, os chamados Pitagóricos e os Fisiólogos citados por Aristóteles

¹ No livro A da *Metafísica*, nota-se um forte apelo antropológico nas primeiras linhas da obra, pois: “Todos os homens, por natureza, desejam conhecer” (ARISTÓTELES, *Metafísica*, A 980a).

² Este artigo optou por conservar o termo *Pitagóricos* e *Fisiólogos*, com as letras iniciais em maiúsculas, conforme consta na tradução de Leonel Vallandro, tradutor da *Metafísica* de Aristóteles citado nas referências bibliográficas desta pesquisa.

³ A presente pesquisa reconhece as multifacetadas imagens, interpretações de cunho doxográfico e às vezes até fabulosas sobre a órbita do tema *Pitágoras* e *Pitagorismo*. Porém, essa pesquisa, não obstante reconhecer os seleumas que dão azo à crítica moderada, é solidária ao pensamento que considera os Pitagóricos como uma prolongação fiel ao seu mestre, Pitágoras. A obra de Gabriele Cornelli (2010), *Em busca do Pitagorismo*, sem dúvidas é um excelente compêndio orientador para as veredas rumo ao pitagorismo.

⁴ Tales de Mileto 624 a.C. inaugura a busca de um elemento primordial da natureza, para ele era a água, conforme assinala Aristóteles (*Du Ciel*, B 13, 294a 28 DK).

serão os fios condutores para uma investigação que abarca uma antropologia e sua estreita relação com o *Kósmos* no pensamento grego antigo.

Duas categorias: os fisiólogos e os chamados Pitagóricos

A máxima de Aristóteles, citada na abertura desta pesquisa, compõe e faz remissão às investigações naturais operadas pela instigação do desejo humano em conhecer (ARISTÓTELES, *Metafísica*, A 980 a 21). Por esse trilho, prefaciando a *Metafísica* de Aristóteles, dirá Sir David Ross (1969, p. 1): “O motivo que inspira Aristóteles através de toda a *Metafísica* é o desejo de adquirir essa forma de conhecimento que mais merece o nome de sabedoria”. A tradição reconhece Aristóteles como uma fecunda fonte para as investigações sobre os primeiros sábios jônios. Entretanto, conforme assinalam Geoffrey Kirk, John Raven e Malcom Schofield (1994 Cap. XV) “Aristóteles prestou aos seus predecessores em filosofia uma atenção mais séria do que Platão. Contudo, os seus juízos são frequentemente deformados pela visão que tinha da filosofia anterior”⁵. Com efeito, o legado de Aristóteles no sentido filológico⁶ é, nesta pesquisa, o fundamento confiável para pensar em duas categorias de pensamentos na Grécia antiga, a saber: os Fisiólogos e os chamados Pitagóricos⁷.

Aquela distinção entre os primeiros sábios, assinalada por Aristóteles, que versa sobre duas formas distintas para a investigação da natureza, é, no entanto, um ponto significativo em busca da noção de antropologia e da noção de *Kósmos* no primevo pensamento grego. Essa busca em

⁵ No mesmo trilho, Dirk Couprie assinala que os argumentos de alguns pré-socráticos chegaram até nós sob o disfarce do Jargão aristotélico. COUPRIE, D. L. *Heaven and Earth in Ancient Greek Cosmology: From Thales to Heraclides Ponticus*. New York: Springer Science Business Media, 2011, p. 91, tradução nossa. Orig.: *Anaximander's arguments have come down to us in the disguise of Aristotelian jargon*.

⁶ Filológico aqui, se refere às citações e inferências que Aristóteles fez e registrou em suas obras no que tange aos filósofos pré-socráticos e, posteriormente consagrados pela tradição doxográfica.

⁷ Os Fisiólogos e os Pitagóricos como os dois começos da filosofia, conforme a divisão apontada por Gabriele Cornelli está do seguinte modo: de um lado, os fisiólogos apontando Anaximandro, Anaxímenes, Anaxágoras, Arquelaus e, em fim, Sócrates para a vertente jônica; por outro lado, na escola itálica estariam: Pitágoras, sendo este seguido por seu filho Telauges, depois Xenófanes, Parmênides, Zenão, Leucipo, Demócrito até Epicuro. Cornelli cita Diógenes Laércio (*Vitae* I. 13-14), para fundamentar essa divisão. CORNELLI, G. *Em busca do pitagorismo: o pitagorismo como categoria historiográfica*. 2010. 276 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/.../pt-br.php>>. Acesso em: 25 mar. 2015.

direção às veredas da origem cosmológica é, ao mesmo tempo, um ponto que marca o olhar do homem para si mesmo. Nota-se:

Nas primeiras explicações mitológicas do universo encontramos sempre uma *antropologia* primitiva lado a lado com uma *cosmologia* primitiva. A questão da origem do mundo está inextricavelmente entrelaçada com a questão da origem do homem. A religião não destrói essas primeiras explicações mitológicas. Ao contrário, preserva a cosmologia e a antropologia mitológicas dando-lhes nova forma e nova profundidade (CASSIRER, 2005, p. 13) ⁸.

A análise de Ernst Cassirer aponta para uma antropologia imbricada em uma cosmologia, de modo que uma não está em detrimento da outra. Não obstante a abordagem de Cassirer repousar sobre o elemento mitológico, a questão antropológica fortemente destacada dá margens para conjecturar sobre uma noção de antropologia inscrita nas investigações cosmológicas que sucederam a tradição mítica. No entanto, há indícios de uma antropologia nesta cosmologia *bipartida* inaugurada por Fisiólogos da Jônia e Pitagóricos da Itália do Sul? De acordo com Guthrie⁹ (1984, v. 1, p. 170-171, *tradução nossa*) ¹⁰ “[...] podemos considerar, e isso é reconhecido, como correntes da filosofia grega arcaica, a Jônia e a Itália, de modo que Pitágoras seja a fonte da tradição italiana”.

A partir do pressuposto da existência destes dois blocos distintos entre os primeiros sábios é, no entanto, tentador conjecturar que as diferenças culturais marcadamente assinaladas pelos cultos de mistérios presentes entre os filósofos italianos e ausentes entre os filósofos jônios, foram fatores decisivos na cosmologia e na antropologia dessas duas escolas. De acordo com Cornford¹¹ (1922, apud CORNELLI, 2010, p. 37), “[...] diferentemente da primeira fase *jônica* da filosofia em suas origens, em que o elemento religioso havia sido deixado de lado, nesse segundo momento *italico* recupera-se a dimensão religiosa da vida filosófica”. No mesmo trilha:

A física jônia reúne-se a uma corrente de pensamento e sob muitos aspectos oposta. Poder-se-ia dizer que ela vem reforçá-la, tanto as duas formas de filosofia nascente aparecem, no seu contraste, complementares. Em terra de Itália, na Magna Grécia, os sábios já não põem em evidência a unidade da *phýsis*, mas a dualidade do homem, apreendida em sua experiência a um tempo religiosa e filosófica: existe uma alma

⁸ As palavras *antropologia* e *cosmologia*, destacadas em itálico, estão conforme a fonte original da citação. Quando o destaque em itálico for nosso, a palavra *grifo nosso* estará no final da citação.

⁹ Geoffrey Kirk, John Raven e Malcom Schofield (1994, p. 71) também compartilham da mesma opinião sobre os Fisiólogos e os Pitagóricos como blocos distintos na aurora da filosofia.

¹⁰ *En argumentos de este tipo, suele concederse un peso considerable a la existencia generalmente reconocida de las dos corrientes fundamentales de la filosofía griega arcaica, la jonia y la italiana, y al hecho igualmente bien comprobado de que Pitágoras fue la fuente de la tradición italiana.*

¹¹ CORNFORD, F. M. ‘Mysticism and Science in the Pythagorean Tradition’. *The Classical Quarterly*, Vol. 16. 1922, p. 138-139.

humana diferente do corpo, oposta ao corpo e que o dirige, tal como a divindade procede com a natureza. A alma possui uma outra dimensão além da espacial, uma forma de ação e de movimento – o pensamento, que não é deslocação material. Parente do divino, pode em certas condições conhecê-lo, alcançá-lo, unir-se-lhe, e conquistar uma existência liberta do tempo e da mudança. (VERNANT, 1990, p. 451-452).

Diante desses dois blocos distintos, em que sentido a escola jônica e itálica seriam solidárias quanto à noção de antropologia e cosmologia? Seguindo de perto a análise de Cassirer (2005, p. 13) e, sobretudo, com precauções de não recorrer a um anacronismo, é válido, entretanto, assinalar hipoteticamente que investigar sobre as origens do *Kósmos* é o mesmo que investigar sobre as origens do homem? Seria esse o *elo* comum entre os Fisiólogos e os Pitagóricos? A escola jônica e a itálica por suas características díspares concernente às preocupações sobre a natureza das coisas, em um primeiro momento parecem distanciar-se, conforme argumentou Vernant. Todavia, em um segundo momento as correspondências estreitam-se, sobretudo, pela noção antropológica idêntica à cosmológica. Pois “[...] o único universo que ele [o homem] conhece, e ao qual se refere todas as suas indagações, é o universo do homem” (CASSIRER, 2005, p. 15). Portanto, se a compreensão sobre o *Kósmos* implica em uma compreensão intrínseca a uma antropologia, conforme assinalou Cassirer, qual será a natureza da relação intermediária entre o *Kósmos* e o homem que fundamente a identidade antropológica? O problema apresenta nuances e parece estar intrincado na cosmologia dos Fisiólogos e dos Pitagóricos.

O intermediário entre o homem e o *Kósmos*

De volta ao argumento de Vernant (1990, p. 452), por que na Itália do Sul, os sábios empreenderam uma investigação antropológica marcadamente religiosa e filosófica sobre a dualidade do homem ao contrário do que fizeram os filósofos da Jônia? Com efeito, o cenário jônio e o itálico parecem demonstrar um solo fértil para uma investigação antropológica e cosmológica. Por um lado, as investigações acerca do *Kósmos* no final do século VI a.C., conforme demonstrou Tales de Mileto 624 a.C., evidenciaram o teor material daquela que marcadamente na Jônia seria a unidade da *phýsis*, a saber: a água, conforme assinalou Aristóteles (*Du Ciel*, B 13, 294a 28 DK). Mas, por outro lado, os Pitagóricos no Sul da Itália não punham em evidência a unidade da *phýsis*, mas a dualidade do homem.

O resgate do sagrado operado pela religiosidade dos Pitagóricos marcará, definitivamente, o aspecto de sua cosmologia e antropologia. Trata-se, portanto, de uma investigação de natureza religiosa nesse segundo momento da filosofia em seu florescer, ao contrário dos Milésios que foram impelidos pela explicação sistemática dos fenômenos (KIRK; RAVEM; SCHOFIELD, 1994, p. 222). O intrincado relacionamento dos Pitagóricos com os cultos de mistérios, por excelência sagrados, certamente foi um marco de disparidade entre os Fisiólogos concernente à noção de antropologia e cosmologia. Pois:

É tentador conjecturar que estas diferenças entre filosofia grega e ocidental e filosofia jônica estejam relacionadas com, ou sejam até funções de, diferenças nas condições sociais e políticas de vida nestas distantes paragens do mundo grego. O Sul da Itália e a Sicília eram, certamente, a pátria dos cultos-mistérios relacionados com a morte e com a adoração dos deuses do Além, ao passo que pouco ouvimos falar desta espécie de actividade religiosa nas cidades costeiras da Jônia (KIRK; RAVEM; SCHOFIELD, 1994, p. 222).

Ao que demonstra Mircea Eliade (1992a, p. 26-30), na busca da própria origem, a integração do homem com o *Kósmos* é, inevitavelmente uma busca divina. A investigação sobre a origem do mundo implicava de certa forma com a origem das coisas, dos seres e do homem, abarcados pela “*cosmização*” (ELIADE, 1992b, p. 51, grifo nosso). Nesses termos, a noção de antropologia entre os Pitagóricos primava sobre o cuidado da alma – *psyché* e sua estreita relação com o corpo, e claro, um restrito cuidado com esse último. A vida regrada e cheia de proibições de alguns hábitos alimentares, dos Pitagóricos, conforme assinalam Kirk, Raven e Schofield (1994, p. 240)¹², de certo modo, evocam os rituais de purificação do homem que se relaciona com o *Kósmos* por intermédio do corpo, e, com a alma, marca o relacionamento com o divino. Nesses termos:

Alcméon parece ter sustentado, no que toca à alma, perspectivas semelhantes às dos referidos [Tales, Diógenes de Apolônia e Heráclito]: a alma é imortal, afirmou, por se assemelhar aos seres imortais. E essa característica pertence-lhe por estar sempre em movimento, pois movem-se também todas as coisas divinas continuamente e sempre (a lua, os sol, os astros e o firmamento inteiro) (ARISTÓTELES, *Sobre a Alma*, A 2, 405a 29 DK 24 A 12)¹³.

Em suma, as diferenças entre essas duas tradições, a Pitagórica e a dos Fisiólogos seriam justificativas irrevogáveis e suficientes para marcar uma suposta disparidade entre a filosofia

¹² Sobre as regras de vida dos Pitagóricos, os autores balizam seus comentários a partir do fragmento 195, *Diógenes Laércio VIII*, 34-5 DK 58 c 3).

¹³ Como é corrente a obscuridade das fontes pitagóricas, aqui especificamente, há autores que discordam e outros que concordam sobre o fato de Alcméon ser ou não um Pitagórico. Willian Guthrie (1984, v. 1, p. 322) concorda que Alcméon foi considerado um Pitagórico pelos escritores tardios, ao contrário, Kirk, Raven e Schofield (1994, p. 365) assinala que provavelmente Alcméon não foi um Pitagórico.

grega ocidental e a filosofia jônica? O simbolismo do centro abordado por Eliade (1992, p. 40) nas culturas antigas, notadamente a da Grécia do século VI a.C. dá margens para que a resposta seja não.

O argumento de Eliade, a respeito da sacralidade do *lugar central* das coisas no *Kosmos*, é, pois, um ponto de partida rumo às estreitas relações possíveis entre a noção de antropologia e cosmologia entre Pitagóricos e Fisiólogos. No mesmo trilho, Vernant (1990, p. 189) emerge da tradição mítica que precedeu os pré-socráticos “[...] a expressão religiosa do espaço e do movimento entre os gregos”. Trata-se de uma investigação sobre as estreitas correspondências entre a cosmologia dos Milésios, notadamente a cosmologia esférica de Anaximandro 610 a.C., e a imagem esférica do mundo narrada pelo mito. Nota-se:

Como o seu quinhão é permanecer para sempre no trono, imóvel, no centro do espaço doméstico, Héstia implica, em solidariedade e em contraste consigo mesma, o deus veloz que reina sobre o espaço do viajante. A Héstia, o interior, o recinto, o fixo, a intimidade do grupo em si mesmo; a Hermes, o exterior, a abertura, a mobilidade, o contato com o outro. Pode-se dizer que o casal Hermes-Héstia exprime, em sua polaridade, a tensão que se observa na representação arcaica do espaço: o espaço exige um centro, um ponto fixo [...] (VERNANT, 1990, p. 194).

Com efeito, Vernant elenca as imagens do quadro metal mítico e as colocam em paralelo com a cosmologia nascente indicando que os Fisiólogos “*transpõe* sob uma forma laica e num vocabulário mais abstrato, a concepção do mundo elaborada pela religião” (VERNANT, 1972, p. 74, grifo nosso). Argumentos desta natureza dão azo para questionar: A cosmologia e a antropologia de Anaximandro (ilustre representante da escola jônica) estão fazendo remissão à antiga tradição religiosa que já possuía uma cosmogonia inscrita na noção de centro? A noção geométrica, esférica e simétrica da cosmologia de Anaximandro, conforme assinalou ARISTÓTELES (*De caelo*, B 13, 295 b 10), remonta à tradição pitagórica¹⁴ inscrita na harmonia dos números? Embora o terreno pré-socrático seja de certo modo pantanoso, haja vista o intrincado itinerário dos fragmentos inscritos na tradição doxográfica (ROSSETTI, 2006, p. 49), todavia, precavida de não recorrer a uma hermenêutica anacrônica, esta pesquisa entende que o sagrado, apanágio dos cultos gregos, é, possivelmente o elemento intermediário entre o homem e o *Kósmos*.

¹⁴ Kirk, Raven e Schofield (1994, p. 136) assinalam que Anaximandro possivelmente foi influenciado por Pitágoras.

Conclusão

A citação aristotélica inicial que abriu esta pesquisa pretendeu situar o problema sobre a noção de antropologia e cosmologia entre os Fisiólogos e os chamados Pitagóricos. Conforme apontado, o testemunho de Aristóteles sobre a existência da escola Jônica e Itálica no florescer do pensamento grego, foi o fio condutor que problematizou e motivou a investigação sobre o homem e o *Kósmos* no ambiente pré-socrático.

Com efeito, os pressupostos da existência de duas categorias mentais coexistindo no final do século VI a.C., a saber: os jônicos e os italianos do Sul da Itália, são indícios de que o problema da filosofia em seu florescer não está restrito somente à questão da originalidade grega, ou se essa foi influenciada pela cultura oriental. Independente da questão oriental, o fato é que, a Jônia e a Itália prefiguraram uma noção de antropologia e cosmologia que se convergem porque não são competidoras, não obstante possuírem características próprias.

A estreita relação do homem com o *Kósmos*, de acordo com o posicionamento de Cassirer, e depois Mircea Eliade, seria de natureza eterna e material? A presença dos Pitagóricos, conforme foi demonstrado sem a intenção de esgotar o tema, assinalou a dualidade do homem (*psique* e *soma*) de forma que a alma seja a natureza da identidade antropológica. Outrossim, se o posicionamento de Vernant, conforme apresentou a pesquisa, indica uma intrínseca relação que abarca a tradição mítica e a filosofia dos primeiros físicos, logo, conjectura-se que este seja o ponto de convergência entre os Fisiólogos e os Pitagóricos, notadamente na cosmologia esférica e simétrica de Anaximandro.

Finalmente, este trabalho procurou evidenciar e, não por uma gangorra hermenêutica, o teor da busca cosmológica e a sóbria afirmativa cassireana que deságua em uma cosmologia antropológica, pois: “[...] o único universo que ele [o homem] conhece, e ao qual se refere todas as suas indagações, é o universo do homem” (CASSIRER, 2005, p. 15). Nesse sentido, há, portanto, um outro ponto de convergência no que tange à noção de cosmologia e antropologia entre sábios da Jônia e os da Itália do Sul, a saber: a natureza humana.

Referências Bibliográficas

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Tradução de Leonel Vallandro. Ed. 2143A. Porto Alegre: Globo S. A. 1969. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/23496684/ARISTOTELES-Metafisica-Editora-Globo#scribd>. Acesso em 20 mar. 2015.

_____. *Traité Du Ciel*. Traduction par Catherine Dalimier et Pierre Pellegrin. Introduction par Pierre Pellegrin. Ed. N° FG103601. Manchecourt: Éditions Flammarion, 2004.

_____. *Sobre a Alma*. Tradução de Ana Maria Lóio. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2010. Disponível em: <<http://obrasdearistoteles.net/files/volumes/0000000031>>. Acesso em: 27 mar. 2015.

CASSIRER, Ernst. *Ensaio sobre o Homem: introdução a uma filosofia da cultura humana*. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CORNFORD, F. M. *Principium Sapientiae: As Origens do Pensamento Filosófico Grego*. Tradução de Maria Manuela Rocheta dos Santos. Prefácio de W. K. C. Guthrie. 3ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.

CORNELLI, G. *Em busca do pitagorismo: o pitagorismo como categoria historiográfica*. 2010. 276 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/.../pt-br.php>>. Acesso em: 25 mar. 2015.

ELIADE, Mircea. *Mito do Eterno retorno*. Tradução de José Antônio Ceschin. São Paulo: Mercury, 1992a.

_____. *O Sagrado e o Profano*. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992b.

GUTHRIE, William. *Historia de la Filosofía Griega: Los Primeros Presocráticos y los Pitagóricos*. V.1. Tradução de Alberto Medina González. Madrid: Gredos, 1984.

KIRK, Geoffrey; RAVEN, John; SCHOFIELD, Malcom. *Os Filósofos Pré-socráticos: História Crítica com Seleção de Textos*. Tradução de Carlos Alberto Louro Fonseca. 4ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.

ROSSETTI, Lívio. *Introdução à Filosofia Antiga: premissas filosóficas e outras “ferramentas de trabalho”*. Tradução de Elcio de Gusmão Verçosa Filho. São Paulo: Paulus, 2006.

VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e Pensamento entre os Gregos*. Estudos de psicologia histórica. Tradução de Haiganuch Sarian. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

_____. *As origens do Pensamento Grego*. Tradução de Ísis Lana Borges. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.